

ARTIGO

Papo Cabeça – Grupo de Apoio Psicossocial a Adolescentes em um Centro de Atenção Psicossocial Infantil

Deep Talk – Psychosocial Support Group for Adolescents at a Child Psychosocial Care Center

Helena Moraes Cortes^I, Edcarlos Marques de Lima^{II}, Gláucia Bohusch^{III}, Gabriela Daniel da Costa^{IV}

Resumo

Este artigo explorou a importância do grupo de apoio psicossocial voltado para jovens e adolescentes no contexto do Centro de Atenção Psicossocial Infantil. Com base na abordagem do grupo operativo, buscou-se compreender como essa estratégia terapêutica pode promover o desenvolvimento emocional, social e psicológico dessas pessoas em situação de vulnerabilidade. O grupo operativo é um modelo teórico-prático que enfatiza a participação ativa dos membros na construção do conhecimento e na transformação pessoal e coletiva. Nesse sentido, o artigo relatou e problematizou a experiência da realização de um grupo operativo no contexto de um Centro de Atenção Psicossocial infantil numa capital do sul do País, como uma ferramenta para estimular a autonomia, o fortalecimento da identidade e a promoção da saúde mental entre jovens e adolescentes em sofrimento psíquico podendo ser replicada noutros espaços.

Palavras-chave: Saúde mental. Psicoterapia de grupo. Saúde do adolescente.

Abstract

This article explores the importance of psychosocial support group aimed at young people and adolescents in the context of the Child Psychosocial Care Center. Based on the operational group approach, we seek to understand how this therapeutic strategy can promote the emotional, social and psychological development of vulnerable individuals. The operative group is a theoretical-practical model that emphasizes the active participation of members in the construction of knowledge and personal and collective transformation. In this context, the article discusses the importance of the operative group as an effective tool to stimulate autonomy, strengthen identity and promote mental health among young people and adolescents.

Keywords: Mental health; Group psychotherapy; Adolescent health.

Introdução

Além das mudanças e evoluções que ocorrem em termos biológicos, físicos, cognitivos e emocionais, a adolescência é também entendida como uma construção social^I. Assim, as transformações desse período

^I Helena Moraes Cortes (helenamoraescortes@gmail.com) é doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP). Professora do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC). Líder do MentalTrans - Laboratório de Pesquisas, Tecnologias e Inovação em Enfermagem Psiquiátrica, Atenção Psicossocial e Transgeneridades da UFSC/CNPq.

^{II} Edcarlos Marques de Lima (edymlima31@gmail.com) é aluno do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

^{III} Gláucia Bohusch (glauciabohusch@gmail.com) é enfermeira do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

^{IV} Gabriela Daniel da Costa (gabriela.daniel@ufsc.br) é enfermeira do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

afetam não apenas o comportamento e o pensamento dos jovens, mas também sua posição e papel nos grupos e ambientes em que estão inseridos². Dessa forma, diversos fatores podem influenciar a saúde dos adolescentes até a vida adulta, incluindo comportamentos de risco como o uso de substâncias psicoativas, exposição à violência e à negligência, dificuldades de acesso à educação e serviços de saúde, pobreza, entre outros³. Tais condições tornam os adolescentes mais vulneráveis em termos psicológicos, biológicos e sociais, exigindo uma abordagem mais abrangente e sensível à saúde dessa faixa etária.

A Política de Saúde da Criança e do Adolescente e a Política de Saúde Mental até os anos 1990 não apresentavam grandes pontos de convergência, caminhando ambas de forma independente⁴. Já no início do século XXI, houve dois marcos importantes no contexto da saúde mental comunitária, por meio da estruturação da Lei nº 10.216, a qual ficou conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica, assim como a 3ª Conferência de Saúde Mental, realizada em 2001. Tal marco histórico legal mencionou essa interlocução da saúde mental de crianças e adolescentes, bem como sobre os processos terapêuticos centralizados na especificidade dos sujeitos, e não no diagnóstico clínico ou qualquer outra forma de classificação⁵.

Sabe-se que os quadros de sofrimento psíquico em crianças são mais delicados, pois elas estão aprendendo a significação das emoções, como lidar e como expressar os seus sentimentos⁶. É comum, durante essa faixa etária, que o indivíduo não consiga lidar com os sentimentos desagradáveis que surgem durante determinadas situações do cotidiano. Nesse cenário, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) infantojuvenis assumem primazia na centralidade do cuidado na Rede de Atenção Psicossocial, postos os desafios de se trabalhar em intersetorialidade, com a escola e com a família numa perspectiva de garantir um ambiente protegido para o desenvolvimento das crianças e adolescentes que sofrem mentalmente⁵.

Para além das especificidades do desenvolvimento humano infantojuvenil, as expressões de gênero e sexualidade ainda são tabus nas escolas, nas famílias e nos serviços de saúde. A carência de letramento dos profissionais da saúde em temas relativos à diversidade e educação pode dificultar uma abordagem acolhedora e respeitosa das dimensões de gênero e sexualidade, podendo favorecer episódios de *bullying*, violências e sofrimento psíquico nas crianças e adolescentes. Além da necessidade de dialogar nas escolas e nos serviços de saúde sobre as necessidades da população LGBTQIA+, como também sobre as questões de gênero e sexualidade dessa faixa etária com a intenção de diminuir os preconceitos e, por consequência, as violências⁷.

É importante destacar que a conscientização sobre as diversidades não deve ser realizada somente com a rede da criança e do adolescente em acompanhamento, mas também com os profissionais dos serviços que os acompanham. Crianças e adolescentes encontram-se em desenvolvimento e com desconfortos inerentes à fase da vida, por isso se faz tão importante a criação de espaços protegidos e livres de preconceitos⁸.

Nesse contexto político, social e sanitário envolvendo as necessidades de cuidado em saúde mental, direcionado a jovens e adolescentes, idealizou-se o Projeto de Extensão Grupo Papo Cabeça. O objetivo do Projeto Papo Cabeça foi implementar um grupo operativo direcionado a jovens e adolescentes em sofrimento psíquico usuários de um Centro de Atenção Psicossocial infantil numa capital do sul do País. A técnica de grupo operativo foi sistematizada por Pichon-Rivière e consiste em um trabalho coletivo, cujo objetivo é promover um processo de aprendizagem para os sujeitos envolvidos⁹. Aprender em grupo significa (des)construir uma leitura crítica da realidade, uma atitude investigadora, uma abertura para as dúvidas e para as novas inquietações.

Vivenciando o Grupo Papo Cabeça

No período de maio de 2022 a junho de 2023, foram realizadas 42 sessões grupais presenciais, com aproximadamente uma hora de duração cada, nas dependências do CAPSi (por vezes em uma sala com pufes

dispostos de forma circular e, outras vezes, numa sala denominada de Oficinas Terapêuticas). Durante a realização do grupo, participaram 23 integrantes ao todo, sendo em média três participantes por sessão. Participaram do grupo três acadêmicos do curso de graduação em Enfermagem de uma universidade pública federal, em momentos distintos do período de realização do grupo, considerando que apenas um desses acadêmicos contou com bolsa de atividade de extensão.

Os alunos extensionistas facilitaram o grupo com a supervisão clínico-pedagógica da professora coordenadora do projeto. As supervisões dos grupos ocorriam em reuniões nas dependências da universidade, com duração média de cerca de noventa minutos, além de trinta minutos para o estudo teórico da obra de Rogers¹⁰.

Em relação à caracterização das identidades de gênero dos participantes do Grupo Papo Cabeça, participaram ao todo uma menina transgênero, um menino transgênero, onze meninos cisgênero e nove meninas cisgênero. A faixa etária dos participantes variou de 14 a 17 anos.

Metodologia

O caminho percorrido será apresentado por meio da categoria temática denominada “Vivenciando o Papo Cabeça”. Essa categoria foi eleita com a perspectiva de descrever a trajetória teórico-metodológica do Grupo Papo Cabeça no contexto de um Centro de Atenção Psicossocial Infanto Juvenil numa capital no sul do País.

Resultados e Discussão

O Grupo Papo Cabeça funcionou na perspectiva de grupo operativo, no qual seus integrantes passaram a assumir papéis e operar as tarefas, tendo a aprendizagem com foco no processo terapêutico¹¹. Em cada sessão grupal, os facilitadores estavam presentes para mediar a comunicação entre os participantes, e tinham, como aporte metodológico, algumas técnicas para que não houvesse foco apenas em um indivíduo, mas para que todos os componentes pudessem partilhar opiniões sobre determinada situação⁹.

A tarefa trabalhada em cada grupo operativo referia-se a um sentimento e/ou temática que era acordada pelos participantes no início do grupo ou era previamente pactuada, na sessão grupal anterior. O grupo possuía regras definidas e aprovadas pelos participantes, bem como o local, o horário e os temas a serem discutidos em cada semana. Existia um acordo grupal de seguir o que foi estabelecido anteriormente, mas com possibilidade de alteração no início da sessão, mediante a aprovação consensual do grupo.

O quadro 1 - síntese das sessões grupais, resume os temas que mais se destacaram em cada sessão grupal, com foco nos sentimentos e/ou na temática previamente escolhida, bem como a repercussão e desdobramentos dos sentimentos que emergiram em cada sessão grupal.

Diante dessas temáticas, foram realizadas sessões grupais, nas quais os adolescentes se encontravam nas dependências do CAPSi para falar livremente sobre os seus sentimentos, de forma segura e sem censura. Observou-se que, com o desenvolvimento das sessões, o grupo por si só estava inteiramente integrado ao processo terapêutico, e os participantes tinham autonomia para decidir a temática de cada sessão.

Durante os encontros, alguns adolescentes apresentavam uma tendência de trazer para o grupo concepções pessoais acerca dos temas propostos, o que tende a provocar uma reação de silêncio, confusão ou embaraço entre os outros membros do grupo, sendo, o mais importante, ressaltar que não há certo ou errado, que são apenas opiniões divergentes e que, em algum momento, podem ser complementares, inclusive, e assim foi trabalhado em cada sessão grupal. O papel do facilitador é direcionar esses momentos para que o grupo entre em sintonia novamente e todos se mantenham integrados¹⁰.

A partir dos temas e repercussões apresentados no quadro 1, observou-se em cada sessão grupal, o conceito de verticalidade proposto por Pichon-Rivière, na perspectiva em que cada integrante do grupo compartilhou sua história pessoal no formato de narrativas, e, diretamente, pode influenciar e ser influenciado no processo grupal no qual estava inserido⁹.

A abordagem do Grupo Papo Cabeça permitiu trabalhar uma gama de temas contemporâneos que necessariamente repercutiam na saúde mental dos participantes. Durante as sessões, ocorreram atividades diversas e foram observados quais sentimentos emergiram em cada técnica proposta, como, por exemplo, técnica projetiva com desenho representativo sobre sentimentos, música relaxante com exercícios de respiração e discussão sobre diversos sentimentos (tristeza, amor, paixão, raiva, insatisfação, projetos de vida, preconceito, *bullying* na escola, relações familiares, frustrações, rejeições e desejos de conquistas profissionais).

Uma das estratégias utilizadas no Grupo Papo Cabeça foi a técnica projetiva com desenho representativo sobre sentimentos, que é um recurso no qual o usuário, usando seu lápis, vai colocar e expressar a forma como ele se compreende no mundo. O autor enfatiza que os aspectos expressivos do desenhar traduzem as atitudes básicas do indivíduo em relação a si mesmo e ao ambiente, assim como a forma como lida com seus impulsos¹². Os participantes, durante esse encontro, expressaram, por meio de seus desenhos, o sentimento de medo da solidão ou de perder alguém de quem se gosta. A partir dos desenhos e da discussão, os participantes, com mediação dos facilitadores, relacionam o sentimento de medo aos modos como os contatos pessoais ocorrem nas redes sociais, bem como os preconceitos em relação à orientação sexual e à identidade de gênero.

Outra prática empregada foi a de atividades com uso de música relaxante e com exercícios de respiração. Nesses encontros, emergiram falas expressando sentimentos relacionados ao comportamento suicida e à desmotivação, criou-se um espaço seguro para externalizar emoções como choro, raiva, tristeza e alegria, no qual a livre expressão dos sentimentos foi possível. O ambiente acolhedor e seguro, mediado pelos facilitadores, foi ressaltado pelos adolescentes quando eles referiram um sentimento de acolhimento e, por consequência, de diminuição da agitação, proporcionando notável bem-estar.

Foi trabalhado também, nesse mesmo encontro, a importância da não cessação do uso de medicação psicotrópica sem orientação profissional e a valorização do CAPSi como um potente aliado no enfrentamento das dificuldades cotidianas, reafirmando, desse modo, a assistência integral à saúde, sendo objetivos que se mantêm presentes nos princípios norteadores das políticas públicas brasileiras, especialmente a partir da Reforma Psiquiátrica¹³.

Um dos temas que mais chamou a atenção nas sessões grupais foi quando se trabalhou a leitura de um capítulo do livro “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas”¹⁴. Nessa leitura com os presentes, emergiu a discussão sobre realidade e imaginação, delírios e mundos paralelos, permitindo que cada participante pudesse se sentir confortável para trazer à discussão a sua história pessoal narrada sem censura, sem que o exposto fosse discutido pelo viés sintomatológico da psiquiatria tradicional. Durante essa atividade, foi possível observar a experiência dos participantes num paradigma que não prevê a cura do sofrimento humano e nem a ausência de sintomas, mas sim que o sujeito tenha uma vida melhor de acordo com a sua condição psíquica. Diante disso, o Grupo Papo Cabeça se constituiu como mais um espaço de estabelecimento de vínculos no CAPSi.

No campo da atenção psicossocial, essa abordagem, que valoriza a expressão pessoal e a discussão aberta dos temas, como a distinção ou a convergência entre realidade e imaginação, se mostram fundamentais no cuidado da saúde mental infantojuvenil. Ao incentivar os participantes a compartilharem suas histórias sem medo de censura, criou-se um ambiente seguro e acolhedor, onde todos puderam explorar e confrontar questões complexas que fazem parte da vida das pessoas¹⁵.

A cada semana, os jovens compartilhavam seus sentimentos e emoções experimentados em seus cotidianos. Essa abordagem pode oferecer uma oportunidade valiosa para os terapeutas entenderem a perspectiva dos usuários e, ao mesmo tempo, auxiliarem na construção de um espaço terapêutico onde a imaginação e a realidade possam coexistir de maneira saudável num mundo possível¹⁶.

Como nas páginas de um livro, cada sessão parece ter reverberado nas complexas narrativas do cotidiano dos jovens, em que as reações à medicação, as experiências na escola e a construção de amizades foram capítulos interligados. Nesse contexto, os participantes compartilharam seus relatos com uma intensidade emocional que transcendeu as verbalizações, formando, assim, a base de uma rede de apoio solidária¹⁷.

No espaço do grupo, a arte encontrou sua voz e os desenhos representativos sobre sentimentos tornaram-se uma paleta de emoções. O retrato e o desenho são a fonte de identidade e a ligação pessoal e social que cada um tem. A escolha pelo logotipo do grupo foi uma oportunidade para expressar essa identidade do coletivo, trazendo cores, traços e pensamentos, às vezes abstratos em uma expressão visual, outrora traços imitando a vida real¹⁸.

Dando sequência aos encontros, em alguns momentos os participantes compartilharam seus sonhos, esperanças e medos sobre relacionamentos e conexões interpessoais. Reforça-se, ainda, a importância das relações sociais como indicadoras de níveis mais elevados de saúde física e mental, e, por meio dessas trocas nas sessões grupais, os participantes encontraram inspiração mútua, com cumplicidade e apoio, que os uniam em uma narrativa compartilhada de amizade e pertencimento¹⁹.

Um dos temas explorados nas sessões foi a disforia e a experiência da transição de gênero. Sob a ótica dos participantes, essa jornada foi uma história de coragem, autenticidade e autodescoberta. As discussões iam além da sala do grupo, problematizando uma sociedade que muitas vezes resiste à diversidade de gênero, estigmatiza e possui uma concepção higienista dos corpos trans²⁰. Os encontros proporcionaram espaço de reflexão do modo de organização da sociedade e como essas concepções estigmatizantes e higienistas como, por exemplo, o movimento antigênero global, contrário à discussão de tais temáticas em escolas, bem como contrário à implementação de políticas públicas com perspectiva de gênero ou voltadas para a população LGBTQIAPN+, o que afeta diretamente a saúde e o cotidiano dos integrantes do grupo.

Acreditamos que os serviços de saúde, as escolas e os demais equipamentos estatais que compõem a rede de proteção de crianças e adolescentes são espaços de disputas pela legitimação das diversas formas de expressão de gênero. Do mesmo modo, acreditamos ser necessário envolver os profissionais da saúde, educação e assistência social nas discussões sobre as questões de gênero e sexualidade, pois essas atravessam as práticas profissionais e afetam a saúde desses grupos.

Nos parece imprescindível o investimento na formação dos profissionais de saúde e dos professores, seja na graduação, seja em uma formação continuada, para que haja uma instrumentalização e se amplie os horizontes para uma prática crítica com foco nesse debate da diversidade de gênero. Uma pesquisa revelou que muitos docentes se sentem despreparados, sem saber ao certo como abordar questões trazidas pelos estudantes, ou ainda são fortemente atravessados por uma visão e práticas heteronormativas que dificultam ou impedem uma intervenção qualificada²¹.

Nesse contexto, durante as oficinas foi possível explorar, por meio dos contos de Halloween, transitando entre a realidade e a ficção, a magia da imaginação para as discussões, oportunizando que os participantes fizessem um autoexame de suas próprias vidas, ecoando percepções e crenças profundamente enraizadas, o que permitiu uma observação sobre as histórias que contamos a nós mesmos e como essas histórias moldam nossa visão de mundo.

Esse encontro nos fez lembrar da autora africana Chimamanda Ngozi Adichie, que, no seu clássico livro, intitulado “O perigo de uma história única”, ilustra o quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma

história, particularmente durante a infância²². Nesse livro, a autora narra a sua história enquanto mulher negra africana e os preconceitos que sofreu ao ir para aos Estados Unidos, tendo em vista a imagem estereotipada que os estadunidenses tinham de uma africana.

Reflete-se como as histórias que nos são contadas influenciam a formação da subjetividade humana, e como os sujeitos tendem a reproduzi-las, a partir dos discursos hegemônicos e estigmatizantes, provocando exclusões e, por vezes, sofrimento psíquico. A expressão de desejos revela-se como uma narrativa de autodeterminação, subjetividades e novas formas de existência, articulando arte e saúde mental e enfatizando implicações dessa relação no processo de transformação social de pessoas com sofrimento psíquico¹⁵.

Por meio desse poder de decisão, falar sobre medicações, sexualidade e uso de substâncias psicoativas foi desafiador e exigiu uma fala madura, na qual foram abordadas, de maneira aberta e honesta, histórias de lutas e preconceito, dificuldades financeiras, rejeição e violência intrafamiliar, e o foco estava no compromisso de criar um ambiente de apoio moldado a partir de uma narrativa de esperança, resiliência e transformação²³.

A partir de cada fala, os participantes criaram empoderamento e mostraram suas aspirações pessoais, ambições profissionais e metas futuras, assumindo o papel de autores de suas próprias vidas e mostrando capacidade de decidir o curso de suas narrativas pessoais.

Quadro 1 – Síntese das sessões grupais

Temas mais abordados nos encontros	Repercussões nos participantes e quais sentimentos emergiram sobre os temas abordados
Meditação e reflexão guiada com a evocação do sentimento de paz.	Sentimento de estar em um ambiente sem censura.
Leitura de um capítulo do livro Alice no País das Maravilhas.	Discussão sobre realidade versus imaginação, delírios e mundos paralelos. Discussão sobre sonhos e projetos de vida e os desafios cotidianos. Discussão de temas como realidade, fantasia e resolução de conflitos.
Jogo de cartas "puxa-conversa".	Estimulado o fortalecimento e o entrosamento do grupo como oportunidade para demonstrar as emoções.
Jogo lúdico de cartas com mensagens.	Objetivou trazer mais liberdade para falar sobre assuntos que deixavam o grupo à vontade. Teve como questão disparadora: "como aumentar a autoestima e o amor próprio?"
Cotidiano (reações à medicação, vivências na escola, amizades, relações).	O grupo ajudou a relativizar e mostrar estratégias de como manter bons vínculos seja na escola, na família ou no círculo social envolvendo pessoas de seu cotidiano e como fazer novas amizades. Problematizou-se as orientações e possibilidades para o atendimento com o seu técnico de referência e, o manejo medicamentoso sob prescrição médica.
Compartilhamento dos sentimentos que foram experimentados na última semana, anterior a esta sessão.	Momento para autorreflexão sobre suas ações e reflexão sobre autoaceitação.
Música relaxante com exercícios de respiração.	Emergência de sentimentos de desmotivação e frases relacionadas ao comportamento suicida.
Discussão sobre o sentimento de tristeza.	Valorização e importância de não cessação do uso de medicação sem orientação profissional. Valorização do CAPSi como um potente aliado no enfrentamento das dificuldades cotidianas.
Conversa sobre o sentimento de paixão e cada participante correlacionar com o seu cotidiano.	Estranhamento do sentimento experienciado. Resistência em assumir o sentimento de saudade. Assumir a intensidade das suas paixões.

Temas mais abordados nos encontros	Repercussões nos participantes e quais sentimentos emergiram sobre os temas abordados
Desenho representativo sobre sentimentos em que representa o grupo.	Surgiu o sentimento de medo de ficar sozinho e perder alguém que gosta. Discussão sobre relacionamentos virtuais, transgeneridade e orientação sexual.
Apresentado o logotipo do Grupo Papo Cabeça e um vídeo representativo sobre o grupo. Sessão com tema livre.	Logotipo escolhido pelo grupo: desenho representando duas cabeças conversando entre si. Discussão sobre vulnerabilidades e dificuldades para manter relacionamentos afetivos e amizades estáveis.
Prática de respiração e conversa sobre possibilidades de afeto na vida.	Discussão sobre possibilidades de afeto na vida.
Disforia e sentimentos atrelados à transição.	Discussão sobre as possibilidades e estratégias para lidar com os desconfortos (biológicos, sociais e familiares) durante a transição de gênero. Compartilhamento de sentimentos que surgem durante o processo de transição de gênero.
Contos de <i>Halloween</i>	Desejos relacionados ao comportamento canibal. Discussão sobre imaginação e realidade. Discussão sobre preferências nas diferentes gerações. Percepção de quando se sente dificuldade de amor-próprio.
Possibilidade de cuidar da Terra e uma discussão sobre realidade <i>versus</i> ficção.	Leitura de uma notícia sobre a possibilidade de cuidar da Terra e discutido os limites que impõe a cada ser humano em fazer sua parte num mundo que precisa ser sustentável. Discussão sobre temas como realidade <i>versus</i> ficção, realidade <i>versus</i> crenças, religiosidade e afeto com os animais.
Desejos	Desejo em atuar nas diferentes profissões para cuidar de outras pessoas. Desejo em ter conquistas materiais e ter relacionamentos afetivos estáveis.
Medicações	Massacres nas escolas e neonazismo. Discutiu-se possíveis “medicações sociais” para o enfrentamento da intolerância e da violência.
Sexualidade	Orientações sexuais diversas e práticas sexuais. Narcisismo. Rejeição na infância. Frustrações.
Drogas	Oportunidade para troca de experiências. Sentimento de segurança no grupo para dialogar sobre o desejou ou uso de drogas lícitas e ilícitas. Estratégias para enfrentar os problemas do cotidiano, como ter rede de apoio familiar, fazer parte do grupo, ter amizades e frequentar um templo religioso.

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Considerações Finais

Esta experiência contribuiu para o processo formativo dos envolvidos no projeto de extensão ao vivenciarem narrativas grupais implicadas com a saúde mental de jovens e adolescentes no CAPS infantil encravado no território de uma capital do sul do Brasil. Foi ainda possível identificar o quanto é fundamental evitar a centralização do cuidado apenas no diagnóstico clínico, buscando uma abordagem ampla, que permita entender o sujeito como protagonista de seu processo de cuidado, com autonomia para expressar seus desejos e incômodos com os recursos terapêuticos que lhe serão oferecidos nesse caminhar da vida.

Além disso, foi imprescindível abordar questões relacionadas à expressão de gênero e sexualidades para os adolescentes, temas que ainda são tabus em muitas instituições, como escolas, famílias e serviços de saúde. Chamamos a atenção para que a temática da diversidade, no contexto dos serviços de saúde mental territoriais, precisa ser tratada na perspectiva de produção de vida dos sujeitos, e não o inverso disso, a exemplo de como trabalhamos essas questões no Grupo Papo Cabeça. A falta de compreensão e educação nessas dimensões pode levar a episódios de *bullying* e agravar o sofrimento psíquico dos jovens. Entende-se que é crucial promover conscientização sobre a diversidade, tanto entre a população em geral quanto entre os profissionais de saúde.

Diante do contexto político, social e sanitário imposto pela covid-19, o projeto de extensão Papo Cabeça se inseriu como uma iniciativa voltada ao cuidado em saúde mental direcionado a jovens e adolescentes em sofrimento psíquico. Ao implementar um grupo operativo, o projeto proporcionou um espaço seguro e acolhedor para que os participantes pudessem compartilhar seus sentimentos e suas emoções. Assim, o papel dos facilitadores foi essencial para manter a comunicação e a integração do grupo, direcionando os momentos de resistência e promovendo um ambiente de respeito e reflexão.

Os resultados reforçam a importância de políticas e ações voltadas para a saúde mental infantojuvenil, em que sintomas de adoecimento psíquico podem ser percebidos, e intervenções podem ser implementadas. O Grupo Papo Cabeça demonstrou ser uma estratégia interessante para promover o apoio mútuo, a socialização e o desenvolvimento de habilidades emocionais entre os jovens participantes.

Grupos de extensão, como o Papo Cabeça, estreitam laços entre universidade, serviços de saúde e comunidade, proporcionando processos formativos e aumentando a oferta de cuidados qualificados para as pessoas em sofrimento psíquico.

No entanto, é importante reconhecer que os projetos de extensão, muitas vezes, enfrentam desafios burocráticos e administrativos no âmbito dos serviços que compõem a rede. A burocracia pode atrasar a implementação de projetos, afetar a obtenção de recursos financeiros, dificultar a articulação com outras instituições e, o mais importante, afetar a não oferta do cuidado às pessoas que são o público-alvo dessas intervenções.

Assim, é necessário que haja um esforço coletivo para melhor entendimento dos processos de que compõem a tríade universidade-serviço-comunidade, e garantir a efetivação desses projetos, uma vez que podem beneficiar a comunidade na promoção da saúde mental e melhoria da qualidade de vida.

Agradecimentos

Ao apoio financeiro recebido da Pró-Reitoria de Extensão – PROEX/UFSC.

Referência

1. Papalia ED, Feldman RD. Desenvolvimento humano. 13. ed. Porto Alegre: Artmed; 2013.
2. Gonçalves LFF, et al. Promoção de saúde com adolescentes em ambiente escolar: relato de experiência. SANARE Rev Políticas Públicas. 2017;15(2).
3. Araújo LN, et al. Viver saúde: promoção da qualidade de vida de adolescentes vulneráveis em um projeto social. SANARE Rev Políticas Públicas. 2015;14(1).
4. Couto MCV, Delgado PGG. Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. Psicologia Clínica. 2015;27(1):17–40.

5. Fernandes ADSA, et al. A saúde mental infantojuvenil na atenção básica à saúde: da concepção às perspectivas para o cuidado. *Cadernos Bras Terap Ocup.* 2022;30:e3102.
6. Cid MFB, et al. Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. *Pro-posições.* 2019;30:e20170093.
7. Assis SG, et al. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2023.
8. Takeiti BA, et al. O estado da arte sobre as juventudes, as vulnerabilidades e as violências: o que as pesquisas informam? *Saúde Soc.* 2020;29(3):e181118.
9. Pichon-Rivière E. O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes; 2000.
10. Rogers CR. Grupos de encontro. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2009.
11. Zimerman DE. Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica. São Paulo: Artmed; 2007.
12. Hammer EF. Aplicações clínicas dos desenhos projetivos. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1991.
13. Andrade JMM, Farinha MG, Esperidião E. Mental Health Nursing: waiting room intervention in integral health care. *Rev Bras Enferm.* 2020;73:e20180886.
14. Carroll L. As aventuras de Alice no país das maravilhas. [s.l.]: Clube de Autores; 2021.
15. Azevedo RB. Os Insênicos: uma experiência de teatro em saúde mental [tese]. Bahia: Universidade Federal da Bahia - UFBA; 2021.
16. Gil M. Grupos operativos com familiares de adolescentes e jovens com transtornos alimentares: o vínculo como possível potencializador de recursos [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2022.
17. Torrenté MON, Marques TP, Torrenté M. Solidariedade, militância e saúde mental em tempos de pandemia. *Interface Com Saúde Educ.* 2023;27:e220136.
18. Costa VP. Existir através do retrato: a arte de desenhar do exterior para o interior [tese]. Lisboa: Universidade de Lisboa; 2023.
19. Prado VLO. Ninguém é uma ilha: um estudo sobre Solidão, Qualidade de Vida e Coping em Jovens Brasileiros [tese]. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 2022.
20. Pontes JC. Disforia e incongruência de gênero: notas sobre a gestão biomédica da (s) infância (s) e adolescência (s) trans. *Enfoques.* 2021;18(2):135–57.
21. Bonfin J, Mesquita MR. Nunca falaram disso na escola... um debate com jovens sobre gênero e diversidade. *Psicol. Soc.* 2020;32.
22. Adichie CN. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras; 2019.
23. Muszkat M, Muszkat S. Violência familiar. São Paulo: Blucher; 2021.